

A LIÇÃO DO

20.V. BRASIL 58

Raul Pilla

«MAS a lição da França serve profundamente ao Brasil» — diz o «Jornal do Brasil», em seu editorial de domingo último. Poderia eu perguntar: a lição do Brasil e de toda a América Latina não servirá à França? Lição por lição, não digo eu qual seja mais abundante, mais constante, mais instrutiva.

Prossigamos a proveitosa leitura. «Não há-de ser na hora em que o parlamentarismo arrasta para a desordem e — quem sabe? — para a guerra civil a França rejuvenescida, economicamente forte, culturalmente rediviva, que poderemos nos abalar a uma experiência dessa ordem». Leram? A França, saída de uma longa e devastadora guerra, em que foi demoradamente ocupada pelo inimigo, rejuvenesceu, fortaleceu-se economicamente, reviveu intelectualmente. E isto, em que regime? Sob a desejada ditadura do general De Gaulle? Não; com o mesmo e defeituoso sistema parlamentar, a que o grande órgão pretende atribuir a responsabilidade da crise atual, que não é crise de governo, senão mais uma manifestação daquele antagonismo profundo e irreduzível entre a direita e a esquerda, estabelecido na França desde a Grande Revolução e só atenuado pela admirável elasticidade do sistema instituído em 1875. Portanto, na pior das hipóteses, o governo parlamentar, se não favoreceu, pelo menos não impediu o rejuvenescimento da França, nos três quartos de século de paz civil que assegurou.

Esta é a lição da França. E qual a lição do Brasil, que o grande jornal pretende opor-lhe? Ouçamô-la nas suas próprias palavras.

«O problema da autoridade do presidente da República se torna cada vez mais central na política brasileira. Cada vez mais a sobrevivência do Estado brasileiro na forma em que atualmente se corporificam as instituições depende de que o presidente da República se decida a exercer, na plenitude, sua autoridade constitucional, fazendo-a prevalecer sobre agrupamentos e caudilhos, civis ou militares. O regime presidencial depende do presidente».

Aí tem o leitor o que é o presidencialismo, segundo um dos poucos defensores, que ainda tem. É o governo de uma só pessoa, da qual tudo depende, o que é evidentemente a negação da democracia. Quando esta pessoa falha, a própria «sobrevivência do Estado» periga. E este perigo não há como conjurá-lo durante o longo período do mandato do governante. Mais de dois anos já se escoaram, mais de dois anos, carregados das mais sombrias previsões, ainda estão por escoar-se, sem que a nação nada possa fazer, nem sequer mudar o governo, como na França.

Esta é a lição que o Brasil, nas próprias palavras do «Jornal do Brasil», poderia dar à gloriosa França, se até lá ela pudesse chegar.